

Educação para a escuta: o desafio da desaprendizagem

Ana Carolina de Oliveira Marques

[Presid. Assoc. Geógrafos Brasileiros (Goiania). Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino. Prof. PPGEO/Univ. Est. Goiás. Grupo "Espaço, Sujeito e Existências/IESA-UGF]

Elaborei um texto para o meu primeiro dia de trabalho, em 2016, na Universidade Estadual de Goiás. Narrei aos alunos a saga da nomeação no concurso público para docente daquela instituição.

Entre reuniões no Palácio das Esmeraldas, queimas de pneus na Avenida Anhanguera e ocupações da reitoria em Anápolis, aprendi que nenhum direito no Brasil decorre do altruísmo de governantes, sejam eles de esquerda ou direita. Ao transformar em palavras minhas noites de insônia, crises de bruxismo e enxaquecas, dei o primeiro recado à turma: sou, antes de tudo, CORPO situado geográfico-historicamente, poroso ao som das betoneiras e maritacas, ao sopro dos escapamentos e ventos de agosto, ao ácido das primeiras chuvas e dos olhares inquisitórios.

E a palavra me é instrumento de inscrição no mundo, elaboração e compartilhamento de experiências – inclusive, das malogradas. Cá estou, 5 anos depois, escrevendo um texto para a minha estreia na Pós-Graduação (PPGEO-UEG), enquanto professora – junto ao mestre Douglas Santos – da disciplina “Educação Geográfica nos territórios do Cerrado”. Optei por hospedar o texto neste blog por alguns motivos. O principal deles, o compromisso político de não me distanciar das reflexões acerca do trabalho e lutar por seu destino ético: a afirmação da vida humana. Tarefa à qual a Educação também se verte, ou deveria. Este texto é ainda um chamado aos estudantes (ou trabalhadores que estudam, repararia Miguel Arroyo 2017) à escrita ensaística verdadeiramente autoral, à divulgação científica e à desburocratização do texto acadêmico. Extraí a máxima “Educação para a escuta” do livro “Paixão da Ignorância” de Christian Dunker (2020). Tendo como interlocutores Jaques Lacan e Paulo Freire, o psicanalista tece críticas à “lógica condominial” que organiza boa parte das nossas escolas, cercadas de muros, gestores-síndicos, atomizadas social e territorialmente. “Escolas com mais alunos que sofrem de uma nova maneira. Mais silenciosa, mais disruptiva, mais apática, mais violenta, com sintomas que se desdo-

braram em medicalização, criminalização e indução artificial de desempenho em escala de massa” (2020, p. 20).

Sofrimento que, sem narrativa e sem escuta, se torna o combustível da corrente de violência retroalimentada pela mídia. Depois de anos de educação para a fala, chega o momento em que a escuta se faz urgente.

Escutar, entretanto, é diferente de ouvir.

Escutar supõe a implicação daquele que escuta no drama daquele que fala. Afetação, deslocamento, abertura.

Supõe a “paixão pela ignorância” ou o reconhecimento do valor daquilo que NÃO se sabe. Escutar e (se)educar por vezes são tarefas de desconstrução e “auto mutilação”.

Extraio do Feminismo a pedagogia da “desaprendizagem” (hooks, 2020), tarefa indispensável para o sujeito histórico embrenhado na “sociabilidade colonial” (SANTOS, 2019), sustentada pelos pilares do capitalismo, do patriarcado e do racismo. A “racionalidade do comum” (Giroto e Giordani, 2019) no alicerce da Educação Feminista.

O cuidado e a interdependência (Diniz e Foltran, 2004), a diferença e a liberdade são valores nela mobilizados.

A prática desta educação sugere experiências radicais de democratização e troca.

“Desaprender” é seu verbo fundador.

E é a partir deste verbo que elaborei algumas “perguntas geradoras” da disciplina “Educação Geográfica nos territórios do Cerrado”:

Como desaprender o racismo nas aulas de Geografia?

Como desaprender o sexismo nas aulas de Geografia?

Como desaprender o capacitismo nas aulas de Geografia?

Como desaprender o individualismo nas aulas de Geografia?

Como desaprender o consumismo nas aulas de Geografia?

Como desaprender a violência nas aulas de Geografia?

Como desaprender o autoritarismo nas aulas de Geografia?

Como desaprender o ódio nas aulas de Geografia?

Sigamos firmes, de ouvidos atentos, no desafio da desaprendizagem.

Referências

- Arroyo, Miguel G. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Editora Vozes Limitada, 2017.
- Dunker, Christian. *Paixão da Ignorância: a escuta entre Psicanálise e Educação*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.
- Diniz, Debora; Foltran, Paula. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. *Revista Estudos Feministas*, v. 12, n. SPE, p. 245-253, 2004.
- Giroto, Eduardo Donizeti; GIORDANI, Ana Claudia Carvalho. Princípios do ensinar-aprender geografia: apontamentos para a racionalidade do comum. *Geografia*, v. 44, n. 1, 2019.
- Hooks, Bell. *Teoria feminista*. Editora Perspectiva SA, 2020.
- Santos, Boaventura de Souza. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Autêntica, 2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.